

ARTICULAÇÃO







LINGUAGENS

MARÇO | 2024 EDIÇÃO Nº 1

CONSTRUÇÃO DE PONTES
LITERÁRIAS

Bem-vindo ao Articulação Linguagens

INSTRUÇÕES DE USO

- Clique nos elementos com o ícone  para acessar conteúdos extras.
- Clique nos elementos com o ícone  para acessar as respostas das questões.
- Palavras em **destaque** possuem conteúdo extra que pode ser acessado ao ser clicado.
- Todos os sites citados possuem *hiperlink* e podem ser acessados com um *click* sobre ele.
- Você pode navegar pelas páginas seguindo o Sumário ou pela barra superior de navegação.    

INICIAR 

MARÇO | 2024 EDIÇÃO Nº 1

BNCC  



FIQUE

**SA
BEN
DO!**

**DIÁ
LOGO
ABERTO**

**INFO
GRÁ
FICO**

**REFLE
XÃO
NA PRÁTICA**

**EXPE
DIENTE**

ARTI CULA ÇÃO

LINGUAGENS

MARÇO | 2024 EDIÇÃO Nº 1

BNCC ✓

**CONSTRUÇÃO DE PONTES
LITERÁRIAS**

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



A FIQUE SA
BEN
DO!

10 livros para conhecer a
literatura indígena

B FIQUE SA
BEN
DO!

O índio imaginário e a
perda da diversidade cultural

C FIQUE SA
BEN
DO!

Representatividade importa

D FIQUE SA
BEN
DO!

A literatura indígena
contemporânea no Brasil

E FIQUE SA
BEN
DO!

A literatura indígena:
conhecendo outros brasis

CONSTRUÇÃO DE PONTES
LITERÁRIAS

ARTI
CULA
ÇÃO
LINGUAGENS

MARÇO | 2024 EDIÇÃO Nº 1

BNCC



A

10 livros para conhecer a literatura indígena

Quando se fala da pauta antirracista, felizmente vemos muitas referências ao movimento negro. E apesar de este ser um avanço necessário e extremamente celebrável, é preciso lembrar que a pauta não se encerra aí, sobretudo vivendo no Brasil, terra de povos originários: terra indígena.

Sendo a cultura indígena extremamente marcada principalmente pela oralidade, os livros são uma forma escrita e mais acessível que as pessoas não-indígenas têm de acessar as narrativas que contam sobre outro modo de ser e estar na terra.

10 LIVROS para conhecer a literatura indígena. **TAG blog**, 14 mar. 2022.
Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/10-livros-para-conhecer-a-literatura-indigena/>.
Acesso em: 15 fev. 2024.



O índio imaginário e a perda da diversidade cultural

Como primeiro problema da generalização dos povos indígenas [está] a desconsideração da diversidade cultural particular. Podem existir similaridades entre os povos indígenas como o respeito pela natureza, o sentimento de pertencimento à natureza, o conhecimento profundo da floresta em que vivem, mas cada povo possui culturas diferentes com crenças e tradições distintas, com línguas maternas também diferentes com distinções inclusive em famílias e troncos linguísticos. Em seu livro **Mundurukando 2**, Daniel Munduruku diz que os Munduruku são *undejenha*, os Xavante são *awé-uptabi*, e os Bororo são *boé*; são palavras na língua materna de cada um desses povos e significam “gente” ou “gente verdadeira”. Logo, são todos “gente verdadeira”, e o que os diferencia é a forma que encontraram para manifestar a própria originalidade. [...]

[...] literatura indígena, ou seja, literatura produzida por indígenas, é uma forma de conhecer os diferentes povos de uma maneira digna. A literatura é um instrumento extremamente rico, e a leitura de textos produzidos por indígenas de diversas etnias traz um experimento de diversidade cultural muito rica, além de conscientizar e informar a respeito da cultura indígena de cada etnia. [...]

SILVA, Stephanie Franco da. O índio imaginário e a perda da diversidade cultural. **Revista África e Africanidades** — Ano XII — n. 33, fev. 2020 – ISSN 1983-2354.

Disponível em: <https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/33/0%20indio%20imaginario%20e%20a%20perda%20da%20diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.



C

Suyane Moreira comemora representatividade com núcleo indígena em 'Terra e Paixão'

[...] Suyane é descendente de indígenas e, na trama, vive Iraê Guató. Especialista em ervas, a personagem vive em uma aldeia nos arredores da cidade fictícia de Nova Primavera. [...]

Ela comemora não só o fato de fazer parte do elenco, mas principalmente a representatividade: "Isso é muito poderoso. Ter uma família, dialogando, falando da nossa cultura e da nossa vivência como qualquer outro núcleo de uma trama, é um avanço enorme. É como se nós atores, eu, Rafaela, Daniel Munduruku e Mapu Huni Kui, estivéssemos levantando realmente essa bandeira dos povos originários", diz.

LIMA, Ana Cora. Suyane Moreira comemora representatividade com núcleo indígena em 'Terra e Paixão'. **F5**, 28 maio 2023.

Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/05/suyane-moreira-comemora-representatividade-com-nucleo-indigena-em-terra-e-paixao.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LINGUAGENS

MARÇO | 2024 EDIÇÃO Nº 1

BNCC



A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual de identidade coletiva

A literatura brasileira acompanhou o projeto de Estado-nação que visava dar cabo dos povos indígenas para apropriar-se de suas terras e direitos. Ambos os projetos, indianista e modernista, colaboraram para recrudescer políticas indigenistas que atacavam a humanidade, a identidade e o direito à cidadania indígena.

[...]

Quando os indígenas se veem em confronto direto com a sociedade dominante, resultado da configuração colonial do século 16 em diante, buscam ferramentas para lutar pela sua cultura e por seus territórios. Dessa maneira, vimos surgir no cenário brasileiro editorial Daniel Munduruku, Kaká Werá e Olívio Jekupé na década de 1990. E, na década subsequente, Eliane Potiguara, Tiago Hakiy, Yaguarê Yamã, Roni Wasiry Guará, Graça Graúna, entre outros. A publicação editorial e, também, o surgimento em segmentos culturais desmistificariam todo o sistema da “integração” construído para negar a identidade indígena.

[...]

Essa atuação informou a sociedade envolvente da existência indígena a partir de outro olhar que não o da integração, mas o do pertencimento e da celebração da identidade de muitos povos que sempre existiram aqui.

DORRICO, Julie. A literatura indígena contemporânea no Brasil:
a autoria individual de identidade coletiva. **Flip**.

Disponível em: <https://flip.org.br/2021/a-literatura-indigena-contemporanea-no-brasil-a-autoria-individual-de-identidade-coletiva/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



E

A literatura indígena: conhecendo outros brasis

Obras literárias podem ser a porta de entrada para conhecer culturas diversas. Para tanto, é importante observar a autoria da obra, considerando de que ponto esse autor ou autora parte para falar da sua realidade, bem como a autoridade e limitações que tem para discorrer sobre a realidade do outro. Nesse sentido, pode ser uma ferramenta poderosa para abrir caminhos de descoberta sobre a própria identidade, como revela Julie Dorrico em seu depoimento em um **TEDx Talks**.

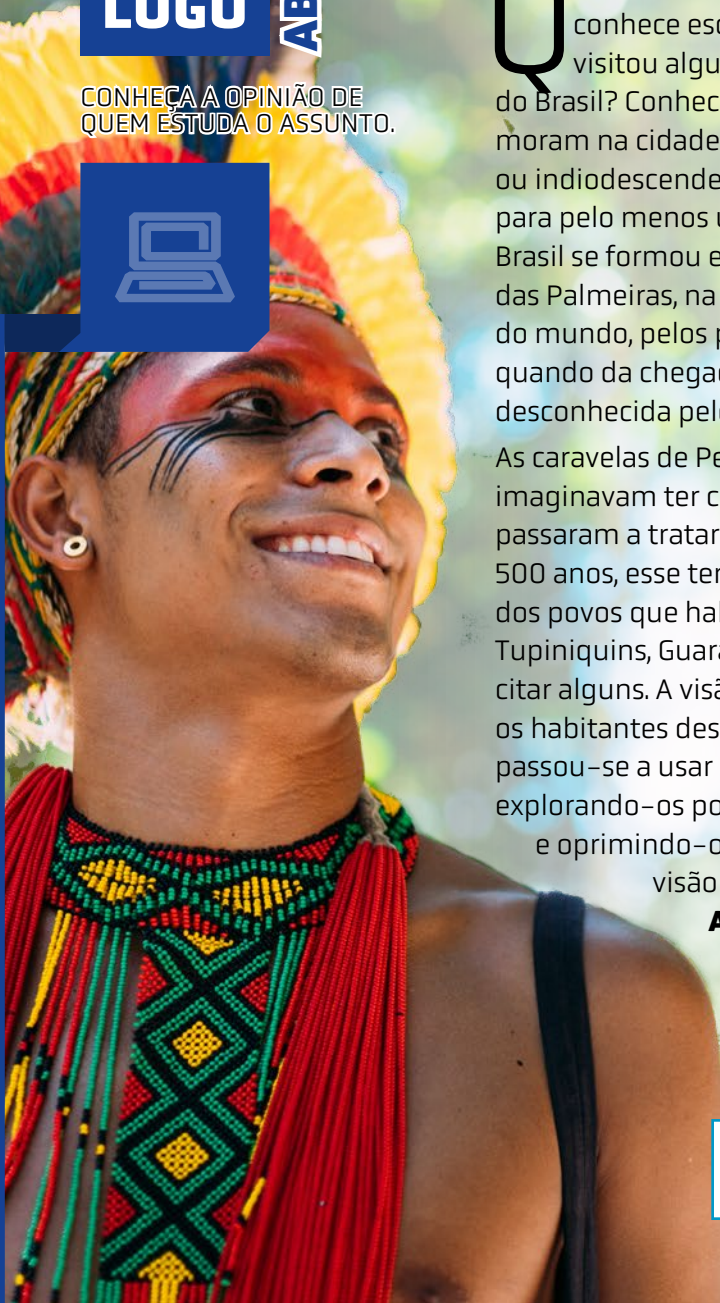


<https://s.ftd.li/m4meBV>



Pontes literárias entre cidades e aldeias

CONHEÇA A OPINIÃO DE QUEM ESTUDA O ASSUNTO.

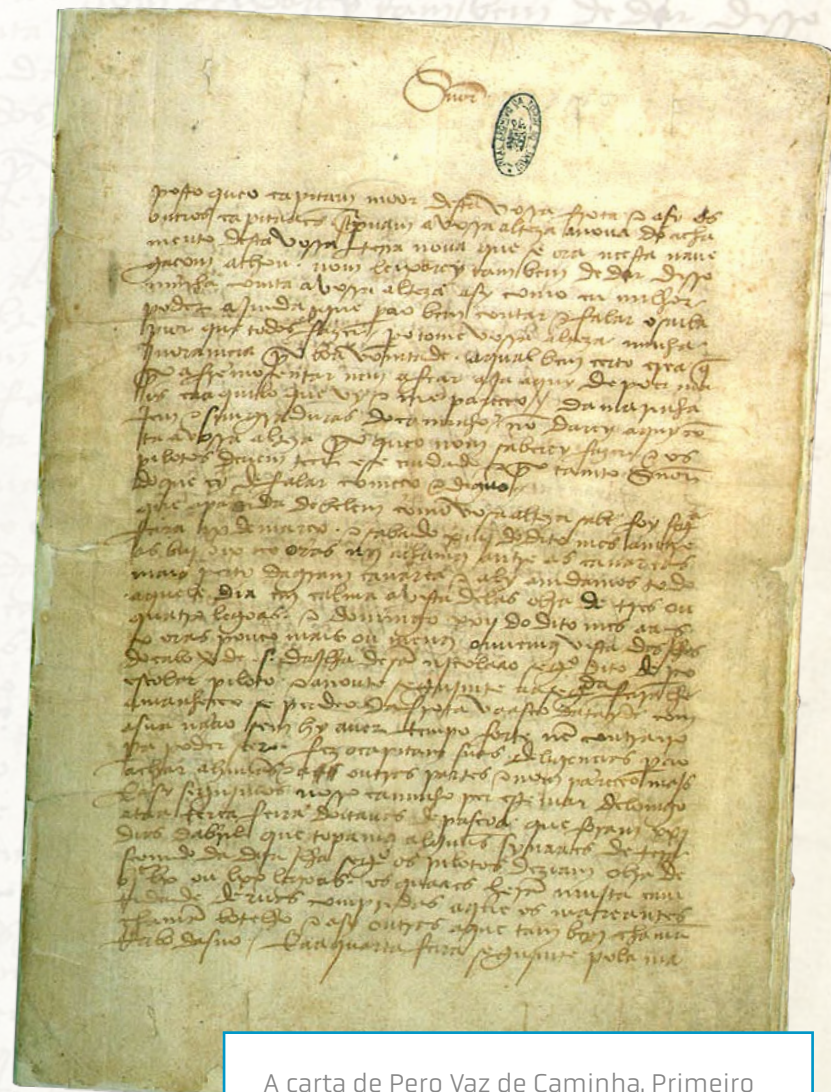


Quantos escritores indígenas você conhece? Se não conhece escritores, conhece pessoas indígenas? Já visitou alguma aldeia na sua cidade ou em outro estado do Brasil? Conhece pessoas descendentes de indígenas que moram na cidade? Tem alguém na sua família que é indígena ou indiodescendente? Provavelmente, você respondeu sim para pelo menos uma dessas perguntas, afinal, o nosso país Brasil se formou em um território indígena. “Pindorama”, Terra das Palmeiras, na língua tupi, era assim chamada esta parte do mundo, pelos povos tupi-guarani que nela habitavam quando da chegada dos portugueses nesta terra até então desconhecida pelos europeus.


As caravelas de Pedro Álvares Cabral, ao avistar terra, imaginavam ter chegado à Índia, e assim os portugueses passaram a tratar os locais como “índios”. Por mais de 500 anos, esse termo apagou a identidade e a diversidade dos povos que habitavam Pindorama, como os Tupinambás, Tupiniquins, Guaranis, Yanomamis, Krenaks, Potiguaras, só para citar alguns. A visão eurocentrada inferiorizava os habitantes dessa terra e, conseqüentemente, passou-se a usar esse argumento para colonizá-los, explorando-os por meio da escravização de seus corpos e oprimindo-os ao impor sua religião, suas vestes, sua visão (limitada) de mundo. Ato contínuo, desde

A carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento literário escrito no Brasil, a história desses povos insiste em ser contada pelo olhar do não indígena.

Indígena do povo Pataxó.



A carta de Pero Vaz de Caminha. Primeiro registro do olhar não indígena sobre o indígena brasileiro e seus costumes.



Do ponto de vista dos escritores, filósofos e artistas indígenas contemporâneos, a Literatura Colonial foi usada como instrumento de dominação dos povos indígenas. Hoje, vemos que a escrita foi usada para legitimar a violência do colonizador, impedindo que os indígenas falassem suas línguas maternas (a começar pelo vasto tronco linguístico tupi), que cultuassem seus deuses, que praticassem seus rituais e que usassem suas indumentárias, acessórios e pinturas.

Na Literatura Brasileira, quando estudamos o período literário do Romantismo, temos na primeira fase o Indianismo, em que o indígena é representado como herói nacional, adaptado aos moldes de “cavaleiro medieval europeu”. Nas obras dessa fase, os indígenas sempre se envolviam romanticamente com um mocinho ou mocinha de origem portuguesa, vivendo um “amor impossível” que sempre acabava em tragédia, bem ao gosto popular. Talvez as personagens mais famosas sejam Peri, indígena herói de **O guarani**, que vive um romance com a portuguesa Cecília; e Iracema, do romance que leva seu nome, mocinha que larga o seu povo tabajara para fugir com o português Martim. É nesse contexto que surge a figura do “bom selvagem”, caracterizando como herói um indígena valente e destemido, enquanto aceita se submeter a cultura do colonizador e se coloca a serviço deste. Na época do Romantismo, o Brasil tinha acabado de se tornar independente de Portugal e precisava ter uma referência de ancestralidade originária; então, o “índio” foi resgatado pela literatura como esse representante, contudo, submisso em suas tramas.

Por que não conhecemos a história dos povos originários do Brasil? Por que não estudamos a força da resistência indígena que atravessou cinco séculos de opressão e persiste até os dias de hoje? Por que não sabemos da história pré-colonial nas Américas e as relações entre os povos originários dos países vizinhos como Peru, Venezuela, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Colômbia (quando tal divisão territorial sequer existia)? Por que não conhecemos os escritores indígenas brasileiros? Por que só conhecemos a visão do indígena na literatura pelos olhos não indígenas?

Isabelle Nogueira é uma manauara descendente de indígenas da região de Nhamundá, interior do Amazonas. Na foto, representa a cunhã-poranga, durante a terceira noite do 54º Festival de Parintins, realizado em Parintins, no estado do Amazonas.

Em 1998, o Movimento Indígena, que vinha se articulando desde os anos 1970, já estava reunindo os seus líderes em busca de direitos como cidadãos brasileiros. Até a promulgação da nossa Carta Magna, os indígenas no Brasil eram considerados “incapazes”, tutelados pelas instituições, não tinham certidões nem documentos, muito menos autonomia e cidadania. É nesse cenário que surge a figura de Ailton Krenak, líder ambientalista que ficou conhecido por seu discurso no Congresso Nacional, ao pintar o rosto de jenipapo e afirmar que os indígenas eram também cidadãos brasileiros que sempre defenderam o território nacional.

A ausência dos povos indígenas na história, cultura e literatura brasileiras é outra frente da luta indígena. Nós, cidadãos brasileiros, temos o direito de conhecer a história dos nossos povos originários e de reconhecer a sua importância e protagonismo na cultura do nosso país. A exemplo da luta do Movimento Negro, que vem garantindo o acesso à história, cultura e literatura negras na Educação Brasileira, foi uma conquista do Movimento Indígena a promulgação da lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática da “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”.

Ailton Krenak e Eliane Potiguara, dois escritores indígenas citados aqui, fizeram parte da elaboração tanto da Constituição Brasileira quanto da referida lei 11.645/08. Os dois escritores também são líderes ambientais e políticos, porque suas escritas literárias não estão separadas da luta do Movimento Indígena e eles afirmam que a Literatura Indígena também é uma ferramenta de luta que compartilha a visão de mundo dos povos indígenas e conscientiza sobre a urgência da preservação da natureza.



Kaê Guajajara

@kaekaekae
Guajajara

Cantora e compositora, encontrou no *hip-hop* uma forma de externar para o mundo as injustiças praticadas contra seu povo e parentes desde a ocupação europeia. Mas além de letras de protesto, também canta sobre pulsões humanas universais, como o amor e o direito a existir sem precisar a todo tempo resistir.

— É curioso observar toda a trajetória dos povos indígenas e o que falaram sobre nós. E o que falaram sobre nós não é a nossa realidade. Hoje, buscamos visibilidade para falar de nossa existência.

DINIZ, Augusto. Kaê Guajajara: ‘Fala-se da importância da música brasileira, mas nunca se inclui a indígena’. **CartaCapital**, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/kae-guajajara-fala-se-da-importancia-da-musica-brasileira-mas-nunca-se-inclui-a-indigena/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Kaê Guajajara, uma referência na cena musical, faz uma crítica humorada ao senso comum sobre pessoas indígenas.



<https://s.ftd.li/zthAUB>

A literatura resgata o que não está contado nos livros de história. A memória indígena foi preservada por meio da oralidade, passada de geração em geração até ser transcrita para os livros. A valorização da ancestralidade indígena é representada no nome dos escritores que carregam suas etnias: Krenak e Potiguara. Eles também vivem em centros urbanos, onde estão em diálogo com escolas, universidades e instituições políticas, criando pontes entre as aldeias e as cidades por meio da literatura. ▾

Uma das bandeiras de Ailton Krenak é a preservação da natureza. Nesta foto, vemos uma área florestal destruída pelo garimpo ilegal, registrada pelo IBAMA durante uma operação em uma área de Roraima, território indígena do povo Yanomami. Em 6 de dezembro de 2023.



Sobre a autora

◀ **Ana dos Santos** é professora de Literatura Brasileira e escritora. Mestre em Estudos Literários Aplicados: Ensino – Letras/UFRGS, é doutoranda em Pós-colonialismo e Identidades – Letras/UFRGS, ministra a oficina de escrita criativa “Mulher Negra, Meu Corpo, Minha Voz”. Tem três livros publicados: **Flor** (2009), **Poerotisa** (2019) e **Pequenos grandes lábios negros** (2020). Faz parte do catálogo “Intelectuais Negras Visíveis” (UFRJ) e é acadêmica da Academia de Letras do Brasil/RS na cadeira 100 com a patrona Lélia Gonzales.

Ailton Krenak

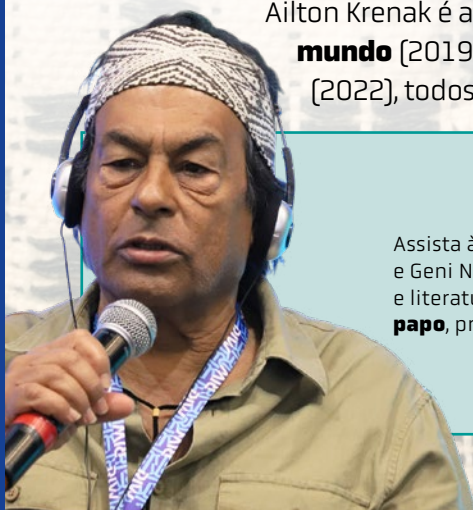
Ailton Krenak foi o primeiro escritor indígena a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 2023. Ele nasceu em 1953, na região do vale do rio Doce, território do povo Krenak, um lugar cuja ecologia se encontra profundamente afetada pela atividade de extração de minérios.

Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É um dos mais destacados líderes do movimento que surgiu durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil, que ocorreu a partir da década de 1970. Contribuiu também para a criação da União das Nações Indígenas (UNI).

Ailton tem levado a cabo um vasto trabalho educativo e ambientalista como jornalista e por meio de programas de vídeo e televisivos. A sua luta nas décadas de 1970 e 1980 foi determinante para a conquista do “Capítulo dos Índios” na Constituição de 1988, que passou a garantir, pelo menos no papel, os direitos indígenas à cultura autóctone e à terra.

É coautor da proposta da Unesco que criou a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço em 2005 e é membro de seu comitê gestor. É comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República, e, em 2016, foi-lhe atribuído o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Ailton Krenak é autor dos livros **Ideias para adiar o fim do mundo** (2019), **A vida não é útil** (2020) e **Futuro ancestral** (2022), todos publicados pela editora Companhia das Letras.



Assista à conversa entre Ailton Krenak e Geni Nuñez sobre música, mundo[s] e literatura no evento **Sempre um papo**, promovido pelo Sesc.



<https://s.ftd.li/KaNs8T>

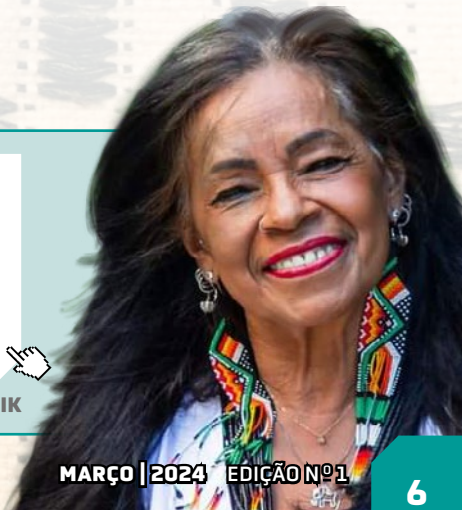
Eliane Potiguara

Eliane Potiguara é escritora, poeta, professora, ativista indígena e contadora de histórias, poeta de ancestralidade potiguara, nascida em 1950, Rio de Janeiro, bisneta do guerreiro paraibano potiguara Chico Solón de Souza.

Em 2021, recebeu o título de doutora *honoris causa* pela UFRJ, onde estudou no início da década de 1970. É a primeira mulher indígena a recebê-lo no Brasil. Recebeu do governo brasileiro o Título de Cavaleiro da Ordem ao Mérito Cultural em 2014. Foi indicada em 2005 ao Projeto Internacional “Mil mulheres ao Prêmio Nobel da Paz”.

É formada em Letras (Português–Literaturas) e Educação pela UFRJ, especializada em Educação Ambiental pela UFOP. É da etnia potiguara, brasileira, fundadora da Grumin (Grupo Mulher–Educação Indígena), primeira ONG de mulheres indígenas, que em 1996 recebeu o II Prêmio de Cidadania Internacional, pela Fundação Bah’ai. Trabalhou uma década pela Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU.

É autora de diversas obras, entre elas **A terra é mãe do índio** (1989), livro premiado pelo Pen Club da Inglaterra; de **Akajutibirô, terra do índio potiguara** (1994), cartilha de apoio à alfabetização para adultos e crianças, financiada pela Unesco; e do **Jornal Grumin** (versões nacional e internacional).



Eliane Potiguara dá um depoimento sobre a relação entre sua produção literária e a preservação de sua cultura.



<https://s.ftd.li/g92FIK>



INFO GRÁFICO



Criadores de conteúdo indígenas



DINIZ, Augusto. Kaê Guajajara: 'Fala-se da importância da música brasileira, mas nunca se inclui a indígena'. **CartaCapital**, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/kae-guajajara-fala-se-da-importancia-da-musica-brasileira-mas-nunca-se-inclui-a-indigena/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

PONTES, Naico. 10 influenciadores indígenas para você se conectar. **Emerge Mag**, 23 maio 2023. Disponível em: <https://emergemag.com.br/10-influenciadores-indigenas-para-voce-se-conectar/>. Acesso em: 22 fev. 2024.



Criadores de conteúdo indígenas



Cristian Wariu

@cristianwariu
Xavante

"Guerreiro digital", é estudante de comunicação e faz uso de inovação e tecnologia para quebrar preconceitos e estereótipos.

— *A gente já nasce no meio de uma luta e tem que lutar. Como comunicador, espera representar bem a nossa galera que está na internet e desmistificar os preconceitos relacionados aos povos indígenas.*



Geni Núñez

@genipapos
Guarani

Ativista, escritora e psicóloga, defende a descolonização da mente em todas as relações humanas, partindo da perspectiva histórica para evidenciar como a colonização e ocidentalização opera nas desigualdades sociais.

— *O que eu busco no meu trabalho não é vencer, mas construir diálogos e trocas sobre [afetos] que sejam construtivos e potentes. A monocultura só se faz na negação da diversidade, já a floresta precisa ser múltipla e concomitante.*



Tukumã Pataxó

@tukuma_pataxo
Pataxó

Chefe de cozinha, comunicador e palestrante, utiliza a internet como sua ferramenta de luta, o "arco e flecha" contemporâneo.

— *Hoje, muitas crianças indígenas me veem como inspiração e isso é gratificante. A nossa luta não começou ontem. Ela vem dos nossos ancestrais e precisamos dar continuidade, mostrar para o mundo o que estamos passando e ter a possibilidade de influenciar e despertar essa vontade nos mais jovens.*



Alice Pataxó

@alice_pataxo
Pataxó

Ativista dos direitos dos povos indígenas, figurou entre as três brasileiras (com Erika Hilton e Simone Tebet) na lista das 100 mulheres mais influentes e inspiradoras de 2022 da BBC, tendo sido indicada por Malala Yousafzai.

— *Cresci ouvindo de minha mãe que meus antepassados usavam borduna [arma indígena] para serem ouvidos. Hoje estamos descolonizando as telas do computador. A gente se adapta, sem esquecer de quem somos. Não importa se usamos um celular ou se moramos na cidade. Isso não nos torna menos indígenas.*



PONTES, Naico. 10 influenciadores indígenas para você se conectar. **Emerge Mag**, 23 maio 2023. Disponível em: <https://emergemag.com.br/10-influenciadores-indigenas-para-voce-se-conectar/>. Acesso em: 22 fev. 2024.



Txai Suruí

@txaisurui
Suruí

Fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, foi a única brasileira a discursar na COP26 em 2021. Em 2022, produziu o documentário vencedor do Emmy "O território", que denuncia ação de grileiros e garimpeiros ilegais na Amazônia.

— *Aqui onde eu sou real ainda invadem nossas terras, atacam nossos direitos, ameaçam nossas vidas, envenenam nossa água e destroem nossa floresta. A Terra está falando. E está dizendo que não temos mais tempo.*



Samela Sateré-Mawé

@sam_sateremawe
Sateré-Mawé

Ativista ambiental, é representante do movimento *Fridays for Future*, encabeçado por Greta Thunberg. Em suas redes, conversa sobre saberes ancestrais, política indigenista e ativismo climático.

— *A gente sempre viu homens brancos discutindo sobre o clima, mas eles muitas vezes nunca passaram pelo que a gente passa. Nós, comunidades indígenas e periféricas, somos os que mais sofrem as consequências das mudanças climáticas.*



Lídia Guajajara

@lidiaguajajara
Guajajara

Comunicadora, é integrante do Mídia Indígena e da Articulação de Mulheres Indígenas (ANMIGA), onde usa sua voz para chamar outras mulheres a assumirem protagonismo das causas indígenas.

— *A gente partiu da necessidade de erguer a voz feminina dentro do movimento. E, rapidamente, a gente viu crescer o número de comunicadoras. A comunicação é um instrumento de luta e fortalecimento do movimento indígena.*



Trudruá Makuxi

@trudruadorrico
Makuxi

Poeta, escritora, curadora e pesquisadora de literatura indígena, advoga pela sua difusão, nos meios digitais, por meio do perfil @leiamulheresindigenas e do canal Literatura Indígena Contemporânea.

— *A gente partiu da necessidade de erguer a voz feminina dentro do movimento. E, rapidamente, a gente viu crescer o número de comunicadoras. A comunicação é um instrumento de luta e fortalecimento do movimento indígena.*



Priscila Tapajowara

@priscilatapajowara
Tapajó

Cineasta, sendo a primeira mulher indígena graduada em Produção Audiovisual no Brasil, usa suas habilidades de comunicação para contar histórias de seu povo e incentivar outros parentes a contarem as suas, como forma de despertar a sensibilidade coletiva acerca de outras visões de mundo.

— *Quando entendemos a floresta enquanto casa dos encantados, aprendemos a respeitá-la e protegê-la de outra forma.*



Elison Santos

@elisonpipipanca
Pipipã e Pankará

Estudante de medicina, de forma bem-humorada discute temáticas importantes das comunidades indígenas. É administrador do perfil @indigena_memes em que faz uso de memes para criar consciência enquanto gera entretenimento.

— *As pessoas têm pouco conhecimento sobre a nossa cultura e isso fica claro quando eu levanto discussões sobre o conceito de "tribo" e o termo "índio", por exemplo. Por isso, acho que nossa presença tem um caráter educativo*



- Literatura Indígena
- Resistência indígena na História do Brasil
- Presença indígena nas aldeias e nas cidades
- Contribuição cultural indígena na língua e na literatura
- Leis e políticas indígenas



Organizando ideias

1. Reúnam-se em grupos de quatro estudantes e apontem quais escritores indígenas vocês conhecem. Depois, pesquisem na internet ou na biblioteca da escola os principais escritores indígenas brasileiros. Caso não conheçam esses escritores, discutam por que, até esse momento, vocês ainda não os conheciam.
2. Hoje, a principal pauta da luta indígena é a preservação da natureza, começando pelos territórios indígenas que estão sendo invadidos e destruídos, e os territórios retomados pela luta e resistência indígena. Pesquise com seus colegas se há a presença indígena na sua cidade. O que vocês sabem e o que ainda não conhecem? Também discutam sobre a presença ou ausência da ancestralidade indígena na árvore genealógica das famílias brasileiras.

Debate e reflexão

Formem grupos e, juntos, escolham uma linguagem: texto, vídeo, ilustração, charge, *thread*, documentário, notícia, apresentação digital, entre outras e apresentem duas perspectivas sobre a História do Brasil: uma da perspectiva do colonizador português e a outra do colonizado indígena. Como podemos unir nossos pontos de vistas por meio da amizade social?



No vestibular

[Enem/MEC]

>> O mais antigo grupo de rap indígena do país, Brô MCs, surgiu em 2009, na aldeia Jaguapiru, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Os integrantes conheceram o rap pelo rádio, ouvindo um programa que apresentava cantores e grupos brasileiros desse gênero musical. O Brô MCs conseguiu influenciar outros a fazerem rap e a lutarem pelas causas indígenas. Um dos nomes do movimento, Kunumí MC, é um jovem de 16 anos, da aldeia Krukutu, em São Paulo. O adolescente enxerga o rap como uma cultura da defesa e começou a fazer rimas quando percebeu que a poesia, pela qual sempre se interessou, podia virar música. Nas letras que cria, inspiradas tanto pelo rap quanto pelos ritmos indígenas, tenta incluir sempre assuntos aos quais acha importante dar voz, principalmente, a questão da demarcação de terras.

Disponível em: www.correiobraziliense.com.br.
Acesso em: 13 nov. 2021 [adaptado].

O movimento rap dos povos originários do Brasil revela o(a)

- a) fusão de manifestações artísticas urbanas contemporâneas com a cultura indígena.
- b) contraposição das temáticas socioambientais indígenas às questões urbanas.
- c) rejeição da indústria radiofônica às músicas indígenas.
- d) distanciamento da realidade social indígena.
- e) estímulo ao estudo da poesia indígena.



V Na hora da redação

O tema desta edição de Linguagens trata da alteridade na Literatura, ou seja, como as diferenças humanas são representadas na escrita literária e como a literatura constrói pontes que aproximam as pessoas por meio dos mais variados gêneros. Os livros de autoria indígena são pontes literárias entre as aldeias e as cidades.

Nesse contexto, muitas possibilidades de tema de redação se abrem para o Enem e para diversos vestibulares em todo o Brasil. Os textos introdutórios da seção **Fique sabendo** são um exemplo do quão abrangente pode ser esse tema, desde os diferentes pontos de vista que os indígenas trazem sobre a História do Brasil, atravessando a cultura indígena presente na língua e literatura brasileiras até a

luta pela preservação da natureza e o futuro do planeta Terra. Pensando nisso, de que forma o conteúdo desta edição pode ser trabalhado para contribuir na produção da sua redação na hora da prova? É importante ser capaz de organizar de forma lógica e bem encadeada seus conhecimentos sobre o assunto para construir uma hipótese coerente e bem argumentada.

Lembre-se de que é muito importante apresentar fatos e estudos científicos para a sustentação da sua dissertação. Da mesma forma, articular diferentes pontos de vista com base em informações fidedignas e coerentes com a proposta de redação são pontos cruciais para conquistar uma boa nota.

Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor de Conteúdo e Negócios

Cayube Galas

Diretor Adjunto de Sistemas de Ensino

Júlio Ibrahim

Gerente de Produção e Fornecedores

Cláudio Espósito Godoy

Gerente de Conteúdo

Amanda Bonuccelli Voivodic

Editora

Luzia Estevão Garcia

Editor Assistente

Thiago Costa de Oliveira

Gerente de Eficiência e Analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de Fluxo e Qualidade

Letícia Bovolon Bezerra

Assistente de Fluxo

Camila Casseiro Nunes



Coordenadora de Preparação, Revisão e Qualidade

Adriana Soares de Souza

Assistente Editorial

Carolina Genúncio

Preparadora

Sônia Cervantes

Revisora

Eliana Medina

Coordenadora de Imagem e Texto

Marcia Berne

Imagem e Licenciamento

Equipe FTD

Coordenador de Produção e Arte

Fabiano dos Santos Mariano

Supervisor de Produção e Arte

Pedro Gentile

Projeto Gráfico

Bruno Attili
Carlos Feitosa Ferreira

Editor de Arte

Carlos Feitosa Ferreira

Crédito das imagens e vídeos

[capa] emarandjelovic, Igor Shikov/Shutterstock.com; [p.2] Brastock/Shutterstock.com, Arquivo particular; [p.3] Bruno Zanardo/Fotoarena; [p.4] ALEXANDRE BRUM/Agencia, Gustavo Frazao/Shutterstock.com; [p.5] Ueslei Marcelino/Reuters/Fotoarena, Luiza Castro/Sul21 ; [p.6] Charles Sholl/Brazil Photo Press/Folhapress, Acervo pessoal; [p.7] Blan-k/Shutterstock.com, Foto por Cristian Wari'u, Acervo pessoal, Thomas Mukoya/Reuters/Fotoarena, Manuel Bayon/Agência Enquadrar/ Folhapress, Thomas Mukoya/Reuters/Fotoarena, Truduá Dorrico, Arquivo pessoal, ALEXANDRE BRUM/Agencia Enquadrar/Folhapress, Horus2017/Shutterstock.com, Gustavo Frazao/Shutterstock.com; [p.9] Gustavo Frazao/Shutterstock.com